Ano X — Leiria, 13 de Setembro de 1932 — N.º 120

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

FÁTIMA — terra da Virgem e do Beato Nuno

A grande peregrinação diocesana de Leiria

Fátima, assombrosa e incomparável lição de beleza moral!
Fátima, estância bemdita de prodígios e de graças!
Fátima, flôr da terra que traz perfume do Céu!

(Rev.do Ricardo Boshmans, director da revista «Le Sentier», de Paris, na sua alocução em Fátima à missa de Pontifical do dia 13 de Agosto último).

A diocese de Leiria em Fátima

Como tinha sido anunciado e constava do programa publicado no último número da «Voz da Fátima» e profusamente distribuído em *separata*, realizou-se nos dias 12 e 13 de Agosto a primeira peregrinação diocesana de Leiria ao Santuário Nacional de Nossa Senhora de Fátima. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, foi quem teve a iniciativa dessa bela e piedosa romagem, não se poupando a trabalhos e sacrifícios, para que ela redundasse, como de facto redundou, numa grandiosa e magnífica apoteose da augusta Raínha dos Anjos.

Pode dizer-se com razão que foi esta a primeira peregrinação oficial verdadeiramente diocesana que se efectuou até hoje ao Santuário da Lourdes Portuguesa. Algumas dioceses, como o Patriarcado, Évora e Faro, enviaram já, por várias vezes, grupos de peregrinos à terra santa das aparições da Virgem, mas o número dêsses peregrinos elevava-se apenas a algumas centenas, ao passo que a peregrinação diocesana de Leiria conduziu a Fátima dezenas de milhar de fiéis.

Era um espectáculo bastante comovente o daquela multidão imensa que durante dois dias enxameou recolhida e devota, na Cova da Iria, edificando os crentes que ali acorreram também, em grande número, doutros pontos do país.

Cincoenta e cinco freguesias, que são as que constituem o bispado, fizeram-se representar pela grande maioria dos seus habitantes, naquela, se assim se lhe pode chamar, assembleia geral diocesana. Houve algumas que se despovoaram quási por completo, como a freguesia de Amor, pertencente à vigararia de Leiria e uma das mais próximas da cidade do Lis. As peregrinações paroquiais, presididas pelos seus pastores e levando à frente os seus estandartes, com as irmandades, as confrarias, as congregações de Filhas de Maria e as crianças da Cruzada Eucaristica oficialmente encorporadas, lá iam subindo, durante a tarde do dia 12, as estradas da serra, rezando o terço, fazendo a devoção da Via Sacra ou cantando os louvores da Virgem bemdita.

E no dia seguinte, essas torrentes que, tendo convergido para o vasto anfiteatro da Cova da Iria, formavam um vasto mar de cabeças humanas, realizavam uma das manifestações de fé e piedade mais bem organizadas e mais encantadoras de que o local das aparições tem sido teatro.

Na manhã do dia 14, sob as abóbadas históricas e sagradas do templo-monumento da Batalha, a grande peregrinação diocesana tinha o seu lógico complemento e o seu fecho de ouro, quando, em comemoração do centenário do Beato Nuno, Conde de Ourêm, Condestável de Portugal, vencedor da batalha de Aljubarrota em 14 de Agosto de 1385, a Hóstia Santa era erguida por sôbre o altar pelas mãos ungidas do Bispo-missionário, D. Moisés, o mais novo dos Prelados da terra de Santa Maria, e Jesus descia ao peito de centenas de fiéis, que agradeciam fervorosamente a sua misericórdia e a protecção da Virgem dispensada à nossa querida Pátria.

Os preparativos da peregrinação

No dia 7 de Junho último, a convite do venerando Prelado, reuniu todo o clero da diocese no edifício do Seminário Episcopal de Leiria para festejar a conclusão das obras do referido edifício e a inauguração da nova capela, dedicada a Nossa Senhora de Fátima.

Foi nessa reunião que ficou assente a organização da primeira peregrinação a Fátima de tôda a diocese de Leiria.

Como o Condado de Ourêm, o vasto feudo do Santo Condestável, tinha a sua sede na diocese e Fátima está situada na área dêsse Condado, foi também determinado que a peregrinação seria comemorativa do centenário do Beato Nuno de Santa Maria, conde de Ourêm, vencedor da Batalha de Aljubarrota.

Durante cêrca de dois mêses houve em tôda a diocese um trabalho intenso e contínuo a-fim-de preparar e organizar tão importante manifestação de fé e piedade que devia constituir uma das páginas mais belas e mais gloriosa da mais pequena das grandes circunscrições eclesiásticas do país.

Ensaiou-se a «Missa dos Anjos», aprenderam-se vários cânticos religiosos e fizeram-se as bandeiras que haviam de acompanhar as peregrinações paroquiais ao Santuário de Fátima.

Tais preparativos feitos com ardor e entusiasmo por um povo profundamente crente e fervorosamente devoto da Virgem Santíssima não podiam deixar de atrair com profusão as bençãos do Céu e de ser coroados do mais completo e feliz êxito.

FATIMA — Peregrinação de Agosto de 1932. Procissão Eucaristica

A procissão das velas

Na tarde do dia 12, de todos os pontos da diocese, principiou a concorrência de peregrinos organizados por freguesias em procissões que demandavam a pé e com a maior ordem o recinto sagrado da Cova da Iria. Reunidas junto do pórtico fazem solenemente a sua entrada, sob a presidência do venerando Prelado.

Ao pôr do sol, já se encontram milhares e milhares de pessoas no vasto local das aparições.

Pouco depois das 10 horas efectuou-se a procissão das velas que revestiu extraordinária imponência e teve a valorizá-la em extremo uma ordem, uma compostura e uma piedade verdadeiramente edificantes.

Que lindo espectáculo o dessa multidão inumerável que, rezando o terço do Rosário ou cantando o Ave de Fátima, sobe e desce como uma longa e interminável fita de fogo pelas avenidas do vasto anfiteatro ou ajoelha, humilde e contrita, aos pés da Virgem bemdita, num transporte de júbilo indizivel e de santa e dulcíssima confiança na sua protecção maternal.

Entretanto escurece rápidamente. Tudo indica que o tempo vai mudar. Sôbre a Cova da Iria caem, a espaços, algumas gotas de água, grossas e pesadas. O firmamento, carregado de nuvens densas e negras, que a escuridão da noite torna ainda mais densas e mais negras, ameaça, nuns prenúncios temerosos de tempestade, perturbar a magnífica apoteose e converter a noite de vigília de doce passagem pelo Tabor em dolorosa cruz de martírio.

De repente, porêm, o vento, mudando de feição, varre as nuvens e limpa o céu como qui por encanto e a lua aparece, melancólica e meiga, emprestando ao quadro maravilhoso da procissão das velas, para maior beleza e realce, os tons brandos da sua luz ténue, suave e pura.

Do alto da varanda da capela do Pavilhão três ilustres Prelados contemplam presos de doce encanto o imponente e formosíssimo espectáculo: Suas Excelências Reverendíssimas os Senhores D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, D. António Antunes, Bispo Coadjutor de Coimbra, e D. Moisés Alves de Pinho, Bispo de Angola e Congo.

Terminada a procissão das velas e reunidos os fiéis em frente do pavilhão dos doentes, o clero e os alunos do Seminário de Leiria cantam o *Credo de Lourdes*, produzindo êsse côro de centenas de vozes um efeito admirável que simultâneamente entusiasmava e comovia as almas.

Já passa da meia-noite oficial. No altar-mór da capela do Pavilhão é feita a exposição do Santíssimo Sacramento.

Começa a adoração nocturna de Jesus-Hóstia. A primeira hora de adoração e reparação nacional é reservada para a peregrinação diocesana de Leiria. Principia a recitação do terço do Rosário. Nos intervalos das dezenas Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Angola e Congo explica o respectivo mistério.

O venerando Prelado, depois de descrever a largos traços a nossa gloriosa epopeia missionária, fala das missões nos vastíssimos territórios das nossas colónias e possessões ultramarinas: sua necessidade, sua organização e pessoal docente e discente. A segunda hora de adoração é privativa da peregrinação de Setúbal e a última da peregrinação de Alvorninha (Caldas da Raínha). Às três horas e meia principia nos doze altares disponíveis a celebração das missas que são em grande número.

Às cinco horas, houve a Missa e a Comunhão dos servos e servas de Nossa Senhora do Rosário. Às sete horas o Senhor D. Moisés reza a Missa da Comunhão geral, sendo o Pão dos Anjos distribuido ininterruptamente durante duas horas por dezenas de sacerdotes a cêrca de vinte mil fiéis, devidamente preparados para êsse acto pela confissão sacramental.

Foi o augusto celebrante que deu a Sagrada Comunhão às crianças da Cruzada Eucaristica e a outras que, uniformizadas, assistiram à sua missa.

Às sete horas foi administrada a Sagrada Comunhão aos doentes internados no Albergue de Nossa Senhora de Fátima.

Missa de Pontifical

Às nove horas e meia o Senhor Bispo de Leiria celebra a Missa de Pontifical. Tem como diácono e subdiácono da missa os rev.dos dr. Fernandes de Almeida, de Leiria, e dr. Manuel Antunes, de Coimbra. Ao sólio tem como presbítero assistente o rev.do João Quaresma, Vigário Geral da Diocese de Leiria, e diácono e subdiácono assistentes respectivamente os rev.dos Augusto de Sousa Maia, secretário do venerando Prelado, e Faustino Jacinto de Almeida, pároco de Freixianda e Vigário da Vara de Ourém.

A «Missa dos Anjos» é cantada por sacerdotes e seminaristas e pelos peregrinos da diocese que, como acima se dis-

se, se tinham ensaiado durante dois meses para êsse fim.

Ao Evangelho sobe ao púlpito o rev.do Ricardo Boshmans, flamengo, vigário da freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova, da cidade da Paris, e director da revista paroquial «Le Sentier» que, pela segunda vez, veio expressamente a Portugal para assistir às scenas maravilhosas e empolgantes dum dia treze no bemdito local das aparições.

O ilustre e piedoso sacerdote e notável escritor e orador sagrado, expressando-se em português ao microfone, canta as glórias da Santíssima Eucaristia aliadas às glórias da Mãe de Deus e às maravilhas estupendas da Lourdes portuguesa.

Procissão eucarística

A Missa de Pontifical foi seguida da procissão do Santíssimo Corpo de Deus, que percorreu as avenidas do recinto do Santuário, sendo, no fim do imponente cortejo, o augustíssimo Sacramento da Eucaristia aclamado por muitos milhares de pessoas que se comprimiam, enchendo de lés-a-lés as largas e longas avenidas.

Na procissão iam cincoenta e seis bandeiras, seguindo à frente a do Reguengo do Fetal e depois as de Barreira, Albergaria, Alvados, Olival, Arrimal, Leiria, Regueira de Pontes, Coimbrão, Colmeias (2), Souto da Carpalhosa, Pôrto de Mós (2), Arrabal (2), Benedita, Amor, Mendiga, Alvorninha, Espite, Azoia, Batalha, Calvaria, Carnide, Minde, Serra de Santo António, Vila Nova de Ourém, Barrosa, Parceiros, Juncal, Caranguegeira, Côrtes, Vermoil, Alcaria, Pataias, S. Simão de Litêm, Milagres, Seissa, Freixianda, Marinha Grande, Maceira (2), Santa Catarina da Serra, Ourêm, Marrazes, Alqueidão da Serra (3), Aljubarrota (Prazeres e S. Vicente), Pouzos, Fátima, e a da Cruzada Eucarística do Reguengo do Fetal que era seguida de crianças da Diocese agremiadas na Cruzada.

Seguia-se o clero e, debaixo do pálio, conduzindo a Sagrada Custódia com a Hóstia-Santa, o venerando Prelado de Leiria.

Por fim foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Procissão da Virgem, Missa e bênção dos doentes

Terminada a bênção de Jesus-Hóstia, chega à Cova da Iria a peregrinação muito numerosa da freguesia de S. Mamede da Serra (Batalha).

Ao meio-dia oficial, é recitado o terço em comum e em seguida realiza-se a procissão de Nossa Senhora da Capela das aparições para a Basílica. Alí Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. António Antunes, por volta das trezes horas, celebra a Missa dos doentes, auxiliado pelos rev.dos Augusto de Sousa Maia e Jacinto Faustino de Almeida.

Assistem à Missa os Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo, prégando êste último à estação do Evangelho.

Segue-se o *Tantum ergo*.

A bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes que eram em número de cento e dezasseis, e no fim a todo o povo, é dada pelo Senhor Bispo Coadjutor de Coimbra acompanhado pelos Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo.

Os três venerandos Prelados benzem os objectos de piedade que os fiéis teem consigo e a seguir abençôam os peregrinos.

Por fim a augusta imagem de Nossa Senhora de Fátima é reconduzida para a sua capela, onde é feita a consagração de todo o povo à Virgem Santíssima e é cantado o «Salvé nobre Padroeira».

A Festa da Pátria

As solenidades religiosas dos dias 12 e 13 em Fátima tiveram o seu lógico complemento no dia seguinte sob as grandiosas abóbadas do templo-monumento da Batalha. Ao mesmo tempo que em Lisboa, junto das ruínas do mosteiro do Carmo, os contingentes da guarnição da capital apresentavam armas às preciosas relíquias do Heroi-Santo, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. Moisés, Bispo de Angola e Congo, celebrava a sua primeira Missa de Pontifical em honra do glorioso Paladino da Independência Nacional, o Beato Nuno de Santa Maria, à sombra das pedras do sumptuoso monumento cimentado com o sangue dos heróis de 1385 que tão generosamente o ofereceram em defesa da Pátria querida.

Às onze horas e meia, os Senhores Bispos de Leiria e de Angola e Congo entraram no templo, acompanhados de numerosos sacerdotes e seminaristas.

A Missa de Pontifical começou ao meio-dia oficial, depois de cantadas a hora de terça e a saudação «Ecce Sacerdos Magnus» pela *Schola Cantorum* do Seminário de Leiria e pela multidão dos fiéis, em número de alguns milhares.

Serviram de diáconos assistentes ao sólio os rev.dos Masse, missionário de Lille, e Boshmans, vigário de Notre-Dame des Nouvelles, de Paris, e de diáconos da missa os rev.dos dr. José Fernandes de Almeida, professor no Seminário de Leiria e Manuel do Carmo Goes, pároco da freguesia da Barreira.

Foi mestre de cerimónias o rev.do dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário.

Dirigiram o canto, antes e durante a Missa, os rev.dos dr. Correia, professor no Seminário, e Manuel Pereira da Silva Gonçalves, pároco da Batalha.

Pela manhã tinha sido distribuido o Pão dos Anjos a seiscentas pessoas.

A comissão administrativa do município da Batalha fêz-se representar nesta solenidade pelo seu presidente, o ilustre médico dr. José Pereira Gens.

À estação do Evangelho subiu ao púlpito o Senhor Bispo de Leiria, que, tomando por tema as palavras gravadas na espada do Santo Condestável, cuja imagem é venerada no altar-mór da igreja, falou largamente sôbre aquela grande figura da nossa história, as suas principais virtudes e os seus três grandes amores: Deus, manifestado na Eucaristia, Nossa Senhora e a Pátria. As cerimónias religiosas comemorativas da Festa da Pátria e do Centenário do Beato Nuno de Santa Maria terminaram com o hino do Santo Condestável cantado por todo o povo.

A poucos passos de distância, na Sala do Capítulo do velho mosteiro rosariano, em campa singela e rasa, o soldado desconhecido dorme tranquilamente o sono da morte, proclamando com o seu silêncio, porque os mortos também falam, que é um nobre e doce dever lutar e dar a vida pela Pátria.

E no altar-mor da histórica igreja votiva, a bela e máscula imagem do heróico vencedor de Aljubarrota, de olhos erguidos para as alturas, desfraldando a bandeira e empunhando a espada, parece, querer lembrar a todos os portugueses, repetindo os versos do poeta, que

«quando Roma em culto alçava
Dom Nuno a trono de luz,
veio a Fátima sorrir-nos
a doce Mãe de Jesus,

veio dizer-nos, na bruma
da nossa tarde sombria,
que ora do Céu por nós velam
frei Nuno e Santa Maria!»

D. Manuel II

Como se disse na crónica do último número da «Voz da Fátima, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José, venerando Bispo de Leiria, na peregrinação de Julho, celebrou no Santuário de Fátima a Santa Missa por alma do Senhor D. Manuel II, assistindo muitos peregrinos.

Tanto a Raínha Mãe Senhora D. Amélia de Bragança como a Raínha Viúva Senhora D. Maria Vitoria escreveram ao Senhor Bispo de Leiria, agradecendo a Santa Missa e as orações em sufrágio do Senhor D. Manuel no Santuário de Nossa Senhora de Fátima de quem era muito devoto, como as duas augustas Senhoras notavam.

Fátima na Itália

Duma carta do rev.do António Antunes Borges, aluno do Seminário de Leiria actualmente no Colégio Português em Roma, para Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria recortam-se e transcrevem-se os seguintes períodos:

«Há dias rcebi uma carta da Sicília, na qual um sacerdote daquela ilha dizia que, depois de ter lido vários artigos referentes a Nossa Senhora de Fátima, ansiava por adquirir o livro sôbre as aparições. Tendo-o alcançado, depois de revolver vários catálogos, segundo dizia, começou a passá-lo por diversas famílias, em que a sua leitura produziu grande impressão. A oração ensinada por Nossa Senhora aos pastorinhos tornou-se comum naquela região. A seu pedido enviei-lhe diversas imagens e pagelas de propaganda e uma ampliação de 50 x 60 da fotografia de Nossa Senhora de Fátima.

Semelhante a esta recebi uma carta em que me pediam várias imagens e um quadro grande de Nossa Senhora de Fátima para expôr numa igreja da Sardenha em cumprimento da promessa duma senhora que obteve por sua intercessão a cura dum filho.

Odisseia dum jovem peregrino holandês

Há meses, numa das maiores e mais lindas cidades da Holanda, um prestigioso sacerdote daquele país membro da benemérita Companhia de Jesus, fez, perante numeroso e selecto auditório, uma notável e interessante conferência sôbre as aparições e os sucessos prodigiosos de Fátima.

Entre os seus ouvintes, que o escutaram atentos e maravilhados, achava-se um jovem imberbe que, encerrada a sessão, se dirigiu ao conferencista, manifestando-lhe o desejo de ir a Fátima e solicitando o seu precioso concurso a-fim-de angariar os meios indispensáveis para a viagem.

O sábio e virtuoso sacerdote, não conhecendo pessoalmente o mancebo e receando qualquer possível intuito de exploração da sua parte, recusa-se sob fáceis pretextos a favorecer a realização de semelhante empreza tão difícil como arriscada e por ventura só própria dum espírito irrequieto e aventureiro.

Mas o moço herói, confiando no poder e na bondade da Mãe de Deus, não desfalece um só instante nem desiste do seu intento.

Uma senhora protestante, rica de bens de fortuna e rica de generosidade, que êle põe ao corrente do que se passa, prontifica-se a pagar-lhe as despesas da viagem até Paris.

Naquela vasta e grandiosa capital, onde todas as pessoas lhe são completamente estranhas, um pastor protestante, com quem se encontra por acaso e a quem comunica o seu grande embaraço, abona-lhe a quantia de que há mister para se fazer transportar até Lourdes, a mística cidade da Imaculada.

Alí, outra alma caritativa, condoida da sua situação assaz angustiosa, oferece-lhe tresentos francos e com êsse valioso donativo, o jovem peregrino consegue chegar a Leiria no dia treze de Julho último.

Logo que se encontra dentro dos muros da formosa princeza do Lis, parte sem demora para Fátima, mas só logra transpôr o pórtico do recinto do Santuário precisamente no momento em se que se apagavam de todo os últimos ecos da peregrinação dêsse dia.

Bastante contrariado com tal decepção, tão dolorosa como inesperada, depois de tantos trabalhos e sacrifícios, não perde o ânimo a-pesar disso e, contando com os recursos inexgotáveis da caridade cristã, resolveu demorar-se um mês em Portugal para poder assistir ao espectáculo da grande peregrinação diocesana de Leria em treze de Agosto.

Nesse dia, o jovem e piedoso romeiro, cheio de júbilo e de reconhecimento para com Deus e para com a Virgem Santíssima, engolfa-se de alma e coração na atmosfera saturada de sobrenatural da Cova da Iria para se deliciar com o doce perfume de milagre e de graça que se evola dos altares sagrados do Santuário máximo da nossa Pátria.

E agora, o novo e denodado campeão da Virgem de Fátima em terra estranjeira, qual cavaleiro andante da Idade Média, vai com o seu vivo e ardente entusiasmo conquistar novos devotos para a Raínha do Céu, vai cantar num hino perene as glórias de Deus e os triunfos de Maria na estância bemdita das aparições, vai espalhar por tôda a parte o aroma suave e delicado das místicas flores que se colhem, vivas e belas, no Eden delicioso e encantador da maravilhosa Lourdes de Portugal!

Visconde de Montelo

A voz da França em Fátima

Alocução proferida pelo rev.do Ricardo Boshmans, vigário da freguesia de Nossa Senhora da Boa Nova e director da revista «Le Sentier», de Paris, à estação do Evangelho da Missa de Pontifical, em Fátima, no dia 13 de Agosto último, por ocasião da grande peregrinação diocesana de Leiria.

Pulchra ut luna.
Electa ut sol.
Terribilis ut castrorum acies ordinata.
Bela como a lua
Eleita como o sol
Terrível como um exército em ordem de batalha

Ex.mo e Rev.mo Senhor Bispo de Leiria
Excelências Reverendíssimas,
Reverendos Padres,
Queridos irmãos,

FATIMA — Peregrinação de Agosto de 1932. O Rev. Père Boshmans, de Paris, a prègar na Missa de Pontifical

INTRODUÇÃO:

Talvez seja a primeira vez que ressôa a voz, fraca demais, dum padre estranjeiro, nêste recinto bemdito de Fátima.

Desde já peço desculpa da imperfeição desta minha palavra.

Porém, o que fica catòlicamente certo, é que êstes dizeres, sem eloquência, são dizeres de sacerdote de Nosso Senhor Jesus Cristo, de servo humilde da Mãe de Deus.

O que eu sinto comvosco, é a mesma crença num Deus todo poderoso, cheio de bondade, único Deus em três Pessoas!

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela Verbo de Deus, feito homem no seio puríssimo da Santíssima Virgem, e sacramentado na Hóstia que adoramos e de que nos alimentamos.

O que eu sinto, é o mesmo carinho pela mais terna das mães: Raínha do Céu e da terra: Maria que é mãe dos Lusitanos como é mãe dos Flamengos, aos quais pertence o meu sangue, como é mãe de todos os fiéis.

Se quiserdes, pois, prestar alguns instantes de atenção ao mais indigno dos sacerdotes, falaremos da nossa querida Mãe, sob o ponto de vista da sua doce influência nos destinos das almas.

HOMENAGEM.

Antes de mais nada, desempenhar-me-ei dum dever imperioso e público: isto é, oferecer as minhas homenagens de respeito filial e de carinhosa gratidão ao venerando Bispo de Leiria, Sua Ex.cia Rev.ma Dom José Correia da Silva. Julgo como favor assinalado a gentileza indizível com que fui acolhido pelo Prelado que preside aos destinos desta Lourdes portuguesa. Considero como vindo de Nossa Senhora êste favor que me faz viver momentos inolvidáveis, tam perto dos encantos celestes de Fátima!

DISTRIBUIÇÃO.

Nunca houve, nunca haverá alma mais bela do que Maria.

Pulchra ut luna.

Por causa desta beleza, foi eleita para que nela se realizasse o mistério da Incarnação.

Electa ut sol.

E, Mãe de Deus, foi o instrumento do Poder divino, não sòmente em favor de seus filhos, mas também, contra os inimigos do nome cristão.

Terribilis ut castrorum acies ordinata.

— Séde dogmática de formosura moral;
— Receptáculo eleito para receber as graças divinas e irradiá-las;
— Fortaleza inexpugnável, cujas armas são rosas perfumadas; Maria é tudo isso.

Facto que várias circunstâncias da história põem em relêvo.

Facto que novamente se realizou nesta «Terra de Santa Maria», que é a linda terra portuguesa, nêste recanto da Serra d'Aire, onde se dignou aparecer a Santíssima Virgem, Nossa Senhora da Fátima!

Logo, por favor de Maria, proclamar-se-á:

I **Fátima!** *assombrosa e admirável lição de bleza moral!*

II **Fátima!** *estância bemdita de prodigios e de graças!*

III **Fátima!** *flor da terra que trás perfume do Céu!*

I

Todos vós sabeis de que maneira intrépida, a bela e casta viuva *Judite* conseguiu salvar o seu povo da deshonra da escravidão com que o ameaçava o sanguinário Holofernes.

Conheceis também a epopeia de *Ester*, que expôs a sua vida para obter a vida de seus conterrâneos exilados e já condenados pelo despótico tirano Aman.

Emfim, quem ignora a conduta varonil da *Mãe dos Macabeos*, que, pela sua palavra doce e forte, animava os seus filhos, até o mais novo no terrível momento da morte do martírio?

Pois, estas três figuras, tam sublimes na sua tocante realidade, não são o retrato vivo de Maria, Mãe dos homens?

É impossível relatar tôdas as vezes que a Mãe de Deus intervém para salvar os seus filhos dum terrível flagelo, duma escravidão diabólica, duma morte infame. Êstes factos históricos de solicitude marial perante os seus devotos em perigo, lêem-se não sòmente nas crónicas dos povos, mas também nos anais íntimos de tantas e tantas almas.

Nessa ordem de ideias, que dizer das Aparições da Virgem em Fátima? Que são elas? Nada menos do que uma resposta — suavemente maternal, sim — à Revolução perseguidora da Religião de seu Filho. Aí, como em tantos outros acontecimentos da história humana, onde se vê o triângulo demoníaco esforçando-se por esmagar almas de Jesus Cristo, aí, de novo, Maria mostra-se *Judite*, formosamente casta, *Ester*, intrépidamente dedicada, *Mãe de Macabeus*, heròicamente maternal!

A mais bela entre tôdas as mulheres escolheu uma pequena azinheira da Cova da Iria e três humildes pastorinhos iletrados devotos do Terço, para nos lembrar-mos das verdades necessárias à vida:

a) a formosura espiritual que é a castidade, não se alcança senão pela humildade, cantada nos versos da *Magnificat marial!*
b) as graças divinas são canalizadas por intermédio de Maria, Mediadora — Corredemptora.
c) O Terço é uma arma terrível contra os inimigos que nos assaltam de tôda parte.

Fátima! pois, é uma assombrosa e incomparável lição de formosura moral!

Virgem formosíssima, ensinai-nos!

II

O quadro que apresenta o mundo actual é assombrosamente triste.

A nossa época que se ufana de ser ultra-moderna, que é senão corrução? Aquilo que os versados em Economia Social chamam «crise» não é crise, mas infelizmente uma epidemia de putrefacção de consciências. Pondo de parte o verdadeiro Deus, são adoradas tôdas as divindades do vil paganismo. Ouve-se na bôca de homens de govêrno, universitários, jornalistas, industriais e outros o grito infernal: «Não precisamos de Deus! Nós-outros somos deuses». A sociedade, doente de nervosismo irrequieto, fala constantemente em paz. E não há paz! Porquê? Porque a humanidade na sua loucura, despreza o Único, capaz de trazer a paz, o Príncipe da paz, que nesceu da Virgem-Mãe e que, na noite do seu nascimento, mandou cantar aos anjos: «Paz aos homens de boa vontade». E os diplomatas, em lugar de seguirem a estrêla dos Magos que conduz a Belêm, parecem fechar os olhos à luz do Alto.

Estranho seria que nestas condições o mundo não se tivesse transtornado. O mal estar de nossos dias é uma consequência horrorosamente lógica das criaturas que, expulsando o Criador, estão entregues a si mesmas. Eis a desgraça! Não é económica, nem monetária, nem de superprodução. É crise de almas!

E para nos convencermos dêste facto, não é preciso descrever: a imoralidade pública que está animalizando os corpos — a falta de honestidade que reina nos negócios,—a impiedade insolente que asfixia os espíritos. Basta lançar um olhar para o campo dos próprios católicos! Quantas coisas podíamos dizer sôbre certas atitudes que deviam ser fustigadas severamente, sôbre actos incoerentes de tantos e tantos que se prezam de bons crentes e que não põem em prática os princípios doutrinais professados!

O mal é profundo!

Não obstante, é impossível que um devoto de Maria, considerando o que desenvolvemos na primeira parte dêste discurso, não tenha confiança!

Dissemos que em tôdas as épocas difíceis, Maria, consultando o seu coração, cuja ternura é inexgotável, veio em socorro da humanidade à beira do abismo. Pois é certo que há de intervir também no nosso século que sofre de abatimento nunca atingido até agora.

Que digo? Mas já interveio! Mas já apareceu! Foi nas suas próprias terras (a «terra de Santa Maria») terras ilustradas pela Raínha Santa Isabel, mãe dos po-

bres, — por Santo António de Lisboa, o Santo do mundo inteiro, — pelo varão heróico Gonçalo de Ourêm, morto cistercime da Abadia de Alcobaça, — pelo santo Condestável, Nuno Álvares, que vibram tôdas juntas, de lembranças históricas, na terra encantadora da Fátima!

E falou a três pastorinhos de Aljustrel e neles a todos os portugueses e nestes aos fiéis de tôda a terra.

E todos aqueles que escutaram a voz celeste e ofereceram preces ardentes à Virgem de Fátima, receberam graças.

Assim a Cova da Iria ficou sendo testemunha de prodígios inúmeros.

Prodígios nos corpos, pelo número incalno astronómico-meteorológico do dia 13 de Outubro de 1917.

Prodígios no solo, pelo jorrar de águas cristalinas nesta serra, onde nunca se tinha achado nem sequer uma gota.

Prodígios nos corpos pelo número incalculável de curas que surpreendem a sciência.

Prodígios nas almas, pela obtenção de benefícios inefáveis, de conversões inesperadas, de restabelecimentos de seres doente da tuberculose da impureza, do cancro da ambição das riquezas, da paralisia do orgulho.

Mas, o facto mais prodigioso que nos transporta aos tempos fervorosos das Catacumbas, o facto de Fátima é o grandíssimo número de comunhões, é o facto eucarístico.

Pois o papel mais verdadeiro, mais augusto, mais maternal da Mãe dos homens, não é o de convidá-los para o banquete da Hóstia sagrada que é o seu próprio Filho adorado?

Fátima! Estância bemdita de prodígios, de bênçãos e de graças!

Virgem eleitíssima, guiai-nos.

III

De que maneira Nossa Senhora quere conduzir os seus filhos? No meio e a-pesar das misérias mundiais que nos cercam, quais são os meios preconizados por Maria, para que gozemos de fôrça, de luz, de lenitivo?

A resposta a estas preguntas achamo-la aqui em Fátima!

É dupla: a Hóstia! O Rosário!

Um crente não pode agradar a Maria, se não agrada ao Filho de Maria.

Um crente não pode ser objecto de complacência aos olhos de Jesus, se não se empenha em sê-lo aos olhos da Mãe de Jesus.

Ora, qual é o desejo de Maria?

Qual é o voto de Jesus?

É claro que o ente que ama, deseja comunicar algo de si mesmo ao ser querido. Que prazer, por exemplo, para uma jovem mãe, dar o seu leite ao filhinho que acaba de nascer!

Assim, Maria! A sua grande felicidade é vêr que os homens aceitam o que ela lhes apresenta com sorrisos de ternura: isto é, a carne puríssima que o Filho de Deus tomou no seu ventre virginal; isto é, o sangue rutilante que de suas veias correu para as veias de Deus feito homem. Êste alimento de anjos, é o nosso, se tomamos a Hóstia, consagrada pelo milagre eucarístico.

Por outro lado é incontestável que será um incenso de louvores à Trindade, se saudarmos a Filha de Deus Padre, a Mãe de Deus Filho, a Espôsa de Deus Espírito Santo, com as mesmas palavras com que o arcanjo S. Gabriel se desempenhou de sua missão de embaixador divino.

Ave Maria, cheia de graça!

Estas saudações, pronunciadas, dez vezes, em cada uma das quinze dezenas do Rosário, durante a contemplação dos episódios da vida de Maria, nos mistérios da sua alegria, da sua dor, da sua glória são como outras tantas rosas com as quais coroamos a nossa Raínha.

E que estas corôas constituem um presente agradável a Maria, está provado pelas aparições da Fátima!

E como poderia suceder que a Raínha Mãe, recebendo as homenágens dos seus súbditos, não as apresentasse perante o trono de seu Filho Rei?

E o trono de Cristo-Rei é o tabernáculo eucarístico, onde de dia, onde de noite, onde a cada instante, o seu amor nos espera com delicadeza e solicitude.

Sim! O Rosário não é sòmente uma saudação, mas também uma consolação, e ainda uma arma terrível contra os inimigos (Fátima nos convence disso — repetimo-lo —); a Comunhão frequênte, fervorosa e frutuosa, ensina-nos a formosura como a fôrça da religião de Jesus Cristo, que não é uma fórmula fria, mas essencialmente uma *Vida*.

Vida, a-pesar das contradições do inimigo;

Vida, que ama a cruz de Cristo;

Vida, que se desenrola entre as Rosas de Maria na irradiação da Hóstia branca.

Esta vida foi Fátima que a renovou e é Fátima que a renova em dezenas de milhares de seres humanos.

Fátima! Flor da terra e perfume do Céu!

Virgem fortíssima, defendei-nos.

PERORAÇÃO.

Está acabada a nossa tarefa. Estamos penetrados da verdade no tocante à influência de Maria sôbre as almas.

1. *Beleza marial — Pülchra ut luna!* Uma linda Senhora luminosa veio do Céu para nos ensinar em Fátima a formosura moral — *Judite castissima!*
2. *Mediação marial. — Electa ut sol!* A eleita de Deus na economia da Redenção escolheu Fátima para aí distribuir graças assinaladas. *Ester dedicada!*
3. *Poder marial. — Terribilis ul acies* Judite castíssima, Ester dedicada, mostrou-se em Fátima, *Mãe incomparável de Macabeus cristãos*, declinando o seu nome:

Nossa Senhora do Rosário:

— arma certeira contra os inimigos;
— lenitivo dos que sofrem;
— introdutora do Palácio eucarístico de Jesus!

Logo:

— Perante a indiferença com que a ignorância nos envolve; —
— no meio dos espinhos que cercam o caminho da vida;
— em presença da imoralidade ímpia que se levanta pelo mundo;
— temos que prestar uma acção pública, solene e forte de fé, temos que fazer apostolado de tudo o que é belo, óptimo e nobre!

Êste apostolado exerce-se por meio das duas devoções inseparáveis:

devoção a Nossa Senhora do Rosário, devoção a Jesus Sacamentado.

Virgem castíssima, ensinai-nos!
Virgem eleitíssima, guiai-nos!
Virgem fortíssima, defendei-nos!

Assim seja!

P.e Ricardo Boshmans

Fátima, o Paraíso na terra e A Pérola de Portugal,

são dois livros sôbre Fátima, pelo Sr. Visconde de Montelo, que pelo preço de 5$oo cada um se enviam do Santuário ou da Redacção da «Voz da Fátima», a quem os pedir e enviar a respectiva importância.

São interessantes, principalmente para quem não tem sido assinante da «Voz da Fátima».

TUDO VEM DE DEUS

Um bom homem, sapateiro por sinal, para todos os incomodos e tribulações tinha êste invariável estribilho: «isto vem de cima».

Assim o ouvira muitas vezes a sua velha mãe e assim se habituára a dizer. Às vezes caçoavam-no mas êle não se importava.

Um dia estava com os companheiros na oficina, quando de repente entra um cão pela porta aberta e lhe roubou a carne do almôço.

— Deixa ir, homem, que isto vem de cima *(gritaram os companheiros, caçoando).*

No entanto êle correu atrás do cão e, mal tinha chegado fóra, caíram três tábuas do forro que feriram bastante os companheiros.

O nosso homem, porém, ficou ileso, continuando a pensar que tinha vindo de cima o auxílio.

— Deus mandou o cão para me livrar dêste perigo, por intermédio do meu Anjo da guarda, pensou êle.

Agora, os outros que digam se não veio tudo de cima, *nem mesmo as tábuas. O que é verdade é que não voltaram a caçoá-lo.*

Atendam

Quem pretender água ou quaisquer objectos religiosos da Fátima, deve dirigir-se ao Sr. António Rodrigues Romeiro, empregado do Santuário, e não a esta redacção, que está a 5 léguas do Santuário e por isso não pode enviar com urgência as coisas pedidas.

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Cura na vista

Sofri dos olhos durante dois anos. Depois de muitos tratamentos inúteis aconselharam-me a fazer uma novena a Nossa Senhora da Fátima. Fi-la, mas sem resultados sensíveis. No entanto, senti mais fé em Nossa Senhora e comecei logo outra novena com o maior fervôr que me foi possível. Durante os dias da segunda novena comecei a sentir sensíveis melhoras, e agora, graças a Nossa Senhora, leio já sem incómodo algum, o que até então me era impossível fazer.

José Pires — Angola África Ocidental

Asthma cardíaca

No princípio do mês de Abril tive o primeiro ataque desta terrível doença.

Pedi à minha Mãe do Céu que me acudisse, resando-lhe, e bebendo da água que a presença de Nossa Senhora da Fátima ali abençoára.

Durante a novena tive uns assomos do mal, e, no último dia um ataque muito maior ainda do que o primeiro; — foi a minha Mãe do Céu a chamar a minha atenção para a graça que ia conceder-me — o libertar-me de tão terrível sofrimento. Daí em diante nunca mais senti absolutamente incómodo algum.

A minha alma se eleva aos pés de N.a S.a da Fátima num acto de agradecimento que desejo exteriorisar publicando na Voz da Fátima esta graça que para mim foi tão apreciável.

Henrique Marques de Carvalho (Farmaceutico) — Nespereira

Agradecimento

Em princípios de Agosto comecei a sentir-me doente. Fui consultar o Sr. Dr. Sepulveda que me receitou umas injéções das quais se originou na minha boca uma infecção tal que me impediu completamente o comer. A minha cara tornou-se completamente disforme; nem a boca podia fechar. As gengivas cobriam-me os dentes e pedaços de carne pendiam-me da boca exalando dela um cheiro nauseabundo ao mesmo tempo que dela saía uma baba nojenta!

Durante dois meses não consegui deitar-me, descançando às vezes um pouco recostado a um almofadão.

Chamaram-me o Sr. Dr. Craveiro Lopes que, ao ver-me, ficou admirado do estado em que me encontrou. Nunca, diz, tinha encontrado uma boca como a minha.

Receitou-me uns comprimidos mas, nenhum bem me fizeram também.

Não falava, não comia, não dormia, de maneira que todos se admiravam como ainda podia viver.

Por fim o médico declarou-me perdida.

Então, não podendo falar, dirigi-me em espírito a Nossa Senhora da Fátima para que me salvasse como já outra vez fizera curando-me duma doença interior considerada como fatal.

Cheguei a desanimar com tantas dôres e por não ser atendida tão depressa como desejava. Mas Nossa Senhora não me esqueceu. Atendeu as minhas súplicas, e fêz-me a grande graça de me curar, graça que causou admiração ao próprio médico e às pessoas que foram testemunhas dos meus padecimentos. Por não poder alimentar-me cheguei a extrema fraqueza.

Agora, por Misericórdia de Nossa Senhora, a quem quero sempre louvar na terra, enquanto viver, e no céu depois da minha morte, estou completamente bem. Ando a cumprir as minhas promessas que julgo muito pequenas para tão excelente favôr.

Lisboa, R. do Arco da Graça, 55, 4.º

Maria do Céu Morais Portelinha

Dôres e inchação

Um meu filho, ainda novo, foi atacado de fortes dôres na côxa esquerda, acompanhadas de grande inchação.

Fui com êle ao médico da família.

Depois de algumas semanas em que fiz continuo uso dos medicamentos que êle prescrevera, poucos ou nenhuns alívios se fizeram sentir.

Nesta altura, pessoa amiga, deu-me um pouco de água da Cova da Iria, água que, com muita fé, comecei a aplicar ao membro afectado da criança, pondo de parte o uso de qualquer outro remédio. No dia seguinte, sensíveis melhoras se manifestaram, e passados três dias, o mal tinha desaparecido por completo.

Atribuo simplesmente à intervenção de Nossa Senhora esta graça que, como prometi, peço seja publicada na Voz da Fátima para o que mando uma pequenina esmola.

Ilha das Flores, Açores

Luísa G. de F. Castelo

Abcesso

Sofri uma grave doença de que resultou um abcesso de grande profundidade e muito perigoso. Se fôsse feita qualquer pressão sôbre a pele o puz saía imediatamente por um orifício junto a uma costela do lado direito. Estive quarenta e seis meses de cama tendo um abcesso três anos a purgar! Durante êsse tempo lia quási todos os meses na «Voz da Fátima» as graças que Nossa Senhora fazia a seus devotos. Desde então comecei também a pedir-lhe o favor da minha cura; mas os meus rogos não eram despachados. Um dia, porém, em que o meu desgosto era mais profundo por estar assim tão doente, há tanto tempo no Hospital e tão longe de minha família, tendo junto do meu coração uma imagem de Nossa Senhora da Fátima, pedi-lhe com o maior fervôr possível que me concedesse também a mim a graça da cura desejada.

Agora Nossa Senhora ouviu-me e as minhas melhoras foram tão rápidas que no espaço de três meses obtive licença para sair do Hospital, onde estive tantos anos, e ir juntar-me a minha família.

Já passaram quatro anos e até agora nunca mais voltei a ter o mínimo incómodo. Por tudo isto dou ardentes graças a Nossa Senhora que se dignou ouvir e despachar a minha pobre oração.

T. dos Poiais, n.º 45, Lisboa

Elisa Marques da Silva

Quisto

Venho pedir um cantinho no jornal que V.a Rev.cia dirige para publicar, agradecendo, uma grande graça que alcancei por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, graça que em mim ficará gravada com letras de ouro e que nunca mais esquecerei.

Minha filha, Deolinda Guerra Brito Morais, há alguns anos que com pequenas intermitências sofria um mal horrível.

Pouco a pouco o mal agravou-se tendo sido aconselhada, depois de devidamente observada pelo seu médico assistente—Dr. Mascarenhas de Melo, a ser operada de Apendicite.

Porém, apesar de todos estes trabalhos, em fins de 1931 voltou a sentir-se gravemente mal, tendo sido internada, com tôda a urgência, no Hospital da «Estefânia» por determinação do mesmo médico.

Pelo cirurgião Dr. Vasconcelos Dias foi sujeita a uma operação que pode ser considerada uma das mais difíceis da ciência cirurgica. Foram-lhe encontrados dois úteros, um dos quais contendo dois quistos.

Em face disso cheguei a perder as esperanças duma possível salvação.

Aflito, orei aos pés de Nossa Senhora da Fátima e do Santíssimo Sacramento implorando piedade e pedindo auxílio para um caso tão grave e monstruoso. Graças à Misericórdia de Jesus e de Maria, não foi em vão que fiz os meus rogos.

Condoída com os pedidos constantes dum pobre pai aflito, a Virgem Santíssima alcançou a saúde para aquela por quem tanto pedi.

Sem dúvida foi uma grande graça esta salvação que todos julgavam impossível. Aqui fica a expressão sincera dos factos que prometi publicar na «Voz da Fátima», para glória de Nossa Senhora e consolação de todos os que sofrem doenças embora muito graves.

Terminando, deponho nas mãos de V. Rev.cia êste donativo para ajudar as obras de Nossa Senhora da Fátima.

Estrada de Benfica, 450 r/c — Lisboa.

José de Brito

Graças Diversas

— Firmino Marques — R. do Paraíso, Lisboa, agradece a Nossa Senhora a cura de um mal-estar que por muito tempo o atormentou.

— Abilio Antunes dos Santos, de Ferreira do Zezere, agradece a Nossa Senhora um grande favor que lhe alcançou.

— Maria Nunes da Rocha, — de Aveiro, agradece uma graça que lhe foi concedida por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

— Manuel Nunes Batista — de Copa, agradece diversas graças que atribue a Nossa Senhora.

— José Gonçalves dos Santos — de Alcaria, Fundão, agradece a Nossa Senhora uma graça que dela alcançou numa doença que o afligia.

António Baptista — Outeiro da Cabeça, agradece a cura duma grave doença de que sofreu durante muito tempo. Foi marcado o dia para uma operação, pois tinha os intestinos deslocados, mas fazendo com tôda a família muitas orações e promessas a Nosssa Senhora obteve a saúde antes do dia marcado para a operação. Hoje sente-se muito bem.

— Luís Matias — Ferreira do Zezere, agradece a Nossa Senhora a cura duma doença depois de ter sido desenganado pelos médicos.

— **Aurora de Jesus** — Sanatório Rodrigues Semide, Pôrto, agradece a Nossa Senhora a cura que lhe alcançou, contra todas as esperanças, porque tinha uma tuberculose já muito adeantada. Hoje trabalha diàriamente, ganhando o seu pão para si e para os seus.

— Maria José Gomes Coutinho — Gouveia, agradece a Nossa Senhora o ter recuperado a sua vista que havia nove anos lhe tinha quási desaparecido. Os remédios foram o lavar os olhos com água da Fátima, e o encomendar a sua cura a Nossa Senhora.

— José Ferreira — Carrís, agradece a Nossa Senhora uma graça que lhe concedeu. Sofria há muito dos intestinos, incómodo que os médicos não conseguiram tirar-lhe, e por fim alcançou de Nossa Senhora a graça que tanto desejava.

— Maria Rosa Vagos Richão, — Ilhavo, agradece uma graça temporal concedida a sua filha Deolinda, por intermédio de Nossa Senhora da Fátima.

— Raquel Xavier Pereira — Viseu, agradece a Nossa Senhora a cura de uma furunculose rebelde aos medicamentos e que durante muitos mêses a inutilizou para os trabalhos domésticos.

Graças de N. Senhora da Fátima no Brasil

(Continuação)

28) Não quisera de modo algum omitir uma outra graça que também me foi comunicada por escrito, nestes ingénuos e singelíssimos termos: «Milagre de N.a Sr.a da Fátima a Graziela e Waldemar Gomes. —1-11-1931». Vem isto escrito num postal em cujo verso está o retrato dos 2 irmãosinhos no dia e trajes da sua 1.a Comunhão. E foi de facto a sua 1.a Comunhão a insigne graça (que não duvidam chamar milagre) de que com razão se confessam devedores a N.a Senhora da Fátima. Havia já bastante tempo que pelejavam com seus pais para que lhes concedessem fazê-la, sendo porém infrutíferos os seus rogos e baldados todos os esforços. Insistiam *opportune et importune*, já com carinhos e meiguices, já com lágrimas e soluços, sem nunca obterem outra resposta senão o sistemático e frigidíssimo *não*.

Isto só um milagre, disseram consigo, o que foi o mesmo que lembrarem-se de Nossa Senhora da Fátima, a quem desde logo confiaram a solução do caso. Começam nêsse sentido uma novena, terminada a qual, fiados no apoio de Nossa Senhora, afoitam-se a reiterar o pedido tantas vezes regeitado. E que alegria não foi a deles quando, depois de uma intérmina seria de *nãos*, desta vez ouviram em lugar deles o mais confortante e consolador *sim!* Com semelhante desenlace, não cabiam em si de contentes. Daí até o dia 1 de Novembro, em que viram realizadas suas ardentes aspirações, mais que na terra, só lhes parecia viverem no Céu com os Anjos! E que diremos do momento ditoso em que de facto pela vez 1.a deu entrada em seu peito o verdadeiro pão dos mesmos Anjos?! Comunhão, abençoado fruto de tão insigne «milagre», bem se pode supor com que piedade e fervor não deve ter sido feita! Bem haja Nossa Senhora da Fátima que tão prodigiosamente abrandou a dureza dos pais, e parabens às piedosas crianças que tão portentoso favor alcançaram da Mãe do Céu!...

29) Fecharei a já bem longa série de especialíssimas graças de Nossa Senhora da Fátima com uma outra carta em que a sinatária atribue a sua especial mercê a resignada e piedosa morte de uma sua irmã. Quando já ela estava muito mal mandou-me a dita sinatária pedir ao Colégio uma novena e um frasquinho da água da Fátima, a ver se Nossa Senhora quereria fazer-lhe o milagre de a salvar ainda. Foi-lhe integralmente satisfeito o pedido, cujo resultado a mesma carta no-lo dirá.

Ei-la:

Rev.mo Senhor

Venho comunicar-vos que minha irmã, que se achava enferma, faleceu ante-ontem, 18, e se enterrou ontem, dia de S. José. Nossa Senhora da Fátima, se não quiz que ela vivesse, é porque bem sabia que estava preparada para ir ter com Ela e Jesus. Comungou freqüentes vezes durante a moléstia e teve uma morte muito resignada. As suas últimas palavras foram recomendar ao Vigário o marido e os filhos para que não deixassem de fazer a Comunhão pascal, acrescentando em seguida: «Meu Jesus, eu Vos pedi a minha cura, Vós não quizestes, seja feita a vosas vontade». Beijou o Crucifixo e a medalha de Filha de Maria, e, passados 10 minutos, estava nas mãos de Deus. Agradeço a Nossa Senhora da Fátima o ter-lhe dado tanta resignação e desapego. Recomendo a V.a Rev.ma a alma dela (Alice), e peço, se fôr possível, me envie umas novenas e uns registos de Nossa Senhora da Fátima, pois foi um dos pedidos da falecida, que nós propagassemos a devoção de tão boa Mãe. Donde lhe veio uma resignação tão santa e uma morte tão edificante? Foi de Nossa Senhora, não resta dúvida. Bendita seja pois a Virgem Maria Nossa Senhora da Fátima!

Itapagipe, 20-3-931

Hermelinda Valverde

Colégio António Vieira—Baía, 13-3-932.

P.e João de Miranda S. J.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Transporte...	351.107$09
Papel, comp. e impr. do n.º 119 — (70.000 ex.)... ...	4.218$00
Franquias, embalagens, transportes	1.828$25
Na administração — Leiria...	280$20
Total...	357.433$54

Donativos desde 15$00

Zulmira de Carvalho — L. de Palmeira, 50$00; Maria do C. Tavares — Lisboa, 15$00; Francisco Goes — Aveiro, 25$00; Maria L. Lopes — Lourenço Marques, 50$00; Lucinda Coelho — Lourenço Marques, 15$00; Bento de Moura — Lourenço Marques, 25$00; Conceição Camila — Lourenço Marques, 100$00; Vivelinda Leão — Lourenço Marques, 30$00; Noemia Barata — Lourenço Marques, 15$00; Laura da Costa — Lourenço Marques, 15$00; Olinda da Fonseca — Lourenço Marques, 25$00; Dr. José Alberto Soares — Lourenço Marques, 60$00; Maria Alice Henriques—Lourenço Marques, 20$00; Aurora Mimoso Valente — Lourenço Marques, 100$00; Leonida dos Prazeres Valente — Lourenço Marques, 30$00; Olive Van der Mulen — Lourenço Marques, 15$00; Maria A. Leão — Lourenço Marques, 50$00; Evandra Ferreira — Lourenço Marques, 20$00; esmolas avulsas — Lourenço Marques, 38$40; Clarice Carvalho — Lourenço Marques, 20$00; Hortencia Augusta da Silva — Lourenço Marques, 50$00; Berta Pestana — Lourenço Marques, 25$00; Olivia Pinto — Lourenço Marques, 20$00; João Albino — Lourinhã, 50$00; Mons. Manuel Marinho — Foz do Douro, 100$00; Joaquim M. Grilo — Porto, 20$00; J. C. V. Ribeiro — Hongkong, 34$65; C. O. Batista — Hongkong, 34$65; J. E. Rocha — Hongkong, 34$65; J. J. Remedios — Hongkong, 34$65; José N. Coelho — Tortozendo, 20$00; Joaquim Vicente — Tortozendo, 30$00; P.e José Rodrigues dos Santos — Anha, 250$00; Brites Andorinha — Setúbal, 15$00; Alberto Quita-Quita — Alc. do Sal, 20$00; Confraria de Nossa Senhora da Fátima — Vila Viçosa, 100$00 Lourenço Machado — Braga, 40$00; José F. Melo — América, 30$50; José dos Reis — Brasil, 15$00; Maria Barbosa — Gondomar, 20$00; Alda M. de Noronha — Aveiro, 25$00; Deolinda de J. Charters — Lisboa, 50$00; Luísa Manso — Monte Estoril, 30$00; Maria Carmen — Faial, 25$00; António Pais e Jerónimo Vieira — Piães (esmola), 20$00; Dr. Carlos de Oliveira Pegado — Nova Gôa, 40$00; António da S. Oliveira — Ervedosa, 15$00; M. P. Henriques — América, 45$00; Jesuina Rodrigues — América, 45$00; esmola de Izabel Louro — Lisboa, 50$00; Josefa A. de Araújo — Régua, 20$00; Luciano Augusto Rosa — Évora (esmola avultada); P.e Francisco Xavier da Silva — T. Vedras, 50$00; Fernanda Jasmins de Freitas — Funchal, 30$00; Sibila P. Fernandes — Monção, 22$50; Belmira Vieira — Viseu, 15$00; esmola de Joaquim Castro — Guimarães, 40$00; Miguel M. Correia — França, 20$00; Augusto João de Carvalho — Gerêz, 15$00; Rita Linhares Brum — Biscoitos, 20$00; P.e Agostinho Vieira — Paúl, 50$00; Manuel de F. Lucio — Flores, 20$00; Ant.º Rodrig. Palmeira—Tomar, 15$00; José Bernardo — Vila de Rei, 50$00; Artur da Silva — Gaia, 15$00; P.e Manuel Pita — Chaves, 50$00; Maria José Vieira — Pardelhas, 70$00; Distribuïção em Pardelhas, 62$00; Henriqueta Santos — Varatojo, 30$00; Mariana Coelho — Borba, 20$00; Maria do C. Pires — Porto, 15$00; P.e António de Freitas — Vila Verde, 20$00; Rosa Amélia — Vimieiro, 15$00; José F. de Almeida — Vimieiro, 15$00; esmola duma anónima, 20$00; Maria L. de Moura — Lisboa, 15$00; Maria S. de Matos — Pedrouços, 50$00; Dr. António Victorino Coelho — S. do Bom Jardim, 30$00; esmola de Ernesto Dias — Ceissa, 55$00; Joaquina Vieira — Barcelos, 60$00; Dr. Francisco P. de Almeida—Coimbra 20$00; Francisco Luís Louro — Alcácer do Sal, 20$00; António Rodrigues — Caldas da Raínha, 27$50; Ester Pimentel — Brasil, 15$00; Mary Cordeiro — América, 2 dolares; Mariana Rosa Palma — Vila Viçosa, 20$00; António M. Almeida — Lagos, 20$00; Casimira da Luz — Satão, 30$00; Maria de Oliveira Soares — Ovar, 20$00; Maria Elvira C. Branco — Foz, 15$00; Maria de Quadros Almeida—Ovar, 15$00; Almiro José Pinto — Arões, 110$00; Distribuïção em Almada, 50$00; Manuel Roque — Gonçalbocas, 15$00; Distribuïção em Cesimbra, 97$00; D. Maria Vilas Boas Miranda, 20$00.

Deus não morre

Por nos parecer interesante para todos os católicos, transcrevemos aqui os seguintes dados históricos publicados nas «Novidades», de 30 de Maio de 1932.

Embora conhecidos de muitos, são interessantes, assim juntos, como os vemos no Jornal da Beira, *os seguintes factos:*

A cada passo lemos em jornais inimigos da Igreja que esta já fêz o seu tempo e está a dois passos da ruína definitiva. Há mil e seiscentos anos que frases semelhantes a essa se repetem no mundo. E quem cai na ruína e no olvido são precisamente aqueles que as pronunciaram.

Vejamos os factos:

No ano 305 da nossa era, Diocleciano, um dos maiores imperadores de Roma, mandou cunhar uma medalha com esta inscrição:

— À memória do cristianismo desaparecido.

Alguns anos depois, o paganismo ficou ferido de morte na batalha da Ponte Milvio e desapareceu. O cristianismo triunfava definitivamente.

* * *

Três séculos depois, um génio surge na Arábia. É Maomé. Tomando o Crescente como símbolo, erguendo-o contra a Cruz, substituindo o Evangelho pelo Alcorão e avançando contra o ocidente garante aos seus que o cristianismo desaparecerá da face da terra.

Os campos de Poitiers, das Navas, do Salado, as muralhas de Viena e de Belgrado e as águas de Lepanto demonstraram ao mundo que a Cruz continuava a iluminar os homens com os seus fulgores divinos.

* * *

Nos começos do século XVI, Martinho Lutero, revoltando-se contra o catolicismo, apoiado nas paixões e nas fôrças de muitos príncipes alemães, escreve orgulhosamente ao Papa Martinho V:

— «Durante a minha vida fui o vosso flagelo. Depois da minha morte, serei a vossa ruína».

De Martinho V a Pio XI, cinqüenta e três Papas se sucederam sem interrução na cadeira de Pedro. Pio XI terá um sucessor também. E assim até ao fim dos séculos. O Catolicismo triunfa, deslumbrando o mundo com os esplendores do Papado.

Ainda nêsse mesmo século, Henrique VIII e Isabel de Inglaterra afirmavam ter feito desaparecer a Igreja Romana, afogada em torrentes de sangue.

A Igreja Romana não morreu. Se ressuscitassem êsse pai e essa filha, veriam actualmente, só em Londres, mais de cem igrejas católicas. Veriam o desfile triunfal do Santíssimo Sacramento pelas ruas da capital da Inglaterra. E morreriam de novo no desespêro, vendo, no dia 3 de Dezembro de 1926, a Câmara dos Comuns restituir todos os direitos aos católicos ingleses, numa lei que aprovada daí a pouco pela Câmara dos Lords e sancionada pelo Rei, dava à Inglaterra a paz religiosa e ao catolicismo mais uma retumbante vitória.

* * *

No dia 30 de Maio de 1758, Voltaire ousou escrever:

— «Em vinte anos, o Galileu terá morrido de vez».

Precisamente vinte anos depois, no dia 30 de Maio de 1778, — note-se a coincidência das datas — Voltaire morria desesperado e o Galileu, Jesus Cristo, continuava a reinar gloriosamente no universo.

* * *

Em 1854, Vitor Cousin, meteu-se também a... profeta.

— «O cristianismo durará quando muito cinqüenta anos».

No fim do século, isto é, cinqüenta e cinco anos depois, desfrutava em todo o mundo uma pujança de vida como jamais até então conhecera.

* * *

Em 1903, o livre pensador francês, Artur Ranc, escrevia no «Radical» de Paris o seguinte:

* * *

— «Em 1905, ou o mais tardar em 1906, o catolicismo será enterrado.

Em 1908, o... profeta morria, sem ter tido a satisfação de assistir ao entêrro que predissera. O catolicismo continuava a sua carreira gloriosa.

* * *

Em 1904, Emilio Combes dizia num discurso:

— «Dentro de dez anos não haverá um só religioso em França».

Em 1914 precisamente, ao som do canhão, todos os religiosos exilados voltavam para a pátria chamados pelo govêrno que lhes pagou as despesas da viagem. Para lá foram e lá estão ainda e apoiados pelas massas da população francesa.

Combes morreu em 1921. No dia em que o encarniçado perseguidor exalava o derradeiro suspiro em meio da indeferença dos franceses, Jonnart partia para Roma, afim de reatar com o Vaticano as relações oficiais que Combes rompera...

* * *

Há uns bons dezoito ou desanove anos, o ministro da Justiça do Govêrno provisório da República portuguesa, garantia a desaparição do catolicismo de Portugal em duas ou três gerações.

O catolicismo reina, ilumina, civiliza e prospera na Pátria portuguesa.

Há vinta séculos, S. Paulo escrevia ao povo que crucificára o Divino Nazareno:

—Jesus Cristo era ontem e é hoje, e êle será o mesmo também em todos os séculos.

Eis a profecia que nem os séculos nem os factos desmentem.

Se os Govêrnos ou os homens ousam fazer outra, predizendo a morte do Eterno Vivo, não anunciem o dia dos funerais dÊle, porque acontecerá talvez que o povo, acumulando-se à beira dos caminhos para ver passar o entêrro de Jesus, assista sem o pensar aos funerais dêsses Govêrnos, dêsses homens, dêsses sistemas...

Já há poucos exemplares do livro «**Fátima a Lourdes Portuguesa**» *pelo Dr. Luís Fischer.*

Quereis ainda obter algum exemplar dêsse interessante livro? fazei já o respectivo pedido e enviai 5$00 ao Santuário da Fátima, — Vila Nova de Ourém, ou à «Voz da Fátima» — Seminário de Leiria.

Cênas de Heroísmo
(Pureza ou morte)

Os leitores da «Voz da Fátima» hão-de lembrar-se ainda com certeza dum caso contado nêste mesmo jornalzinho duma donzela que, vendo-se assaltada por um vencido da carne, preferiu morrer como mártir nas águas do rio a perder o tesoiro imenso da sua pureza e virgindade intemerata. Foi uma prova sublime do que pode uma vontade forte guiada pela Graça e pelo amor à virtude, a propósito do qual aqui vamos deixar arquivados outros de igual beleza e fulgor.

Há tempos, em Monza (na Itália) uma jovem teve a nobre coragem de expôr a própria cabeça às balas despedidas pela mão criminosa do sabujo que pretendia manchá-la; e, há menos tempo ainda, em Castegnato (também na Itália) se repetia a mesma cena com uma outra. Eis como o órgão oficioso da S. Sé, «*L'Osservatore Romano*», se ocupa dêstes dois casos.

—«Não se extinguiu ainda o eco do bárbaro crime de Monza, onde uma rapariga, pertencente à Acção Católica, se deixava varar o cérebro de preferência a consentir nas desatinadas propostas dum miserável devasso.

A altas horas da noite, no amplo edifício, encontraram-se frente-a-frente duas vontades: a do vicioso que de há tempos esperava a solidão para consumar a sua orgia; e a da pobre rapariga que rodeou o seu frágil corpo de tôdas as barreiras num ímpeto de superior energia. Ninguém teria notado a sua derrota, se tivesse cedido; o mundo estava talvez pronto o usar de compaixão — fácil como é em conceder o perdão às vítimas da brutalidade humana. Mas naquela intemerata donzela ergueu-se, como instinto, a vontade férrea de salvaguardar a todo o custo a sua honra, ainda à custa da própria vida. E não trepida no meio da batalha; no esfôrço da sua suprema tenacidade contra a fôrça bruta, disposta até ao extermínio; no inesperado assalto, sem os auxílios e protecção da prudência humana, assistida ùnicamente do seu anjo e do sublime ideal duma vida pura imolada a Deus como hóstia de sacrifício, deixou-se aniquilar e matar.

Venceu, morrendo. A sua alma pura entrou no Seio de Deus como os mártires dos primeiros tempos, como Inês de Roma e Luzia de Siracusa, ao mesmo tempo que os anjos desciam àquela morada deserta, a cobrir de lírios brancos o corpo imaculado sôbre cuja fronte a malvadez humana tecera inconscientemente a coroa rubicunda do martírio. O povo pôde contemplar no facto não só o horroroso do crime inqualificável, mas também um episódio de supremo heroísmo, e vinte mil pessoas prestaram homenagem à inocente que se abraçara à morte para repelir de si a culpa. Magnífico exemplo o da vítima; eloqüente a voz e o gesto da multidão que inundou de lágrimas o féretro duma sua filha, heroína da pureza, ceifada apenas de quinze anos pela mão assassina duma fera humana.

* * *

O caso de Monza não é único. Uma jovem de Breseia—da freguesia de Castegnato —, para salvaguardar a sua inocência, afrontou uma pistola armada.

Não se trata já do assalto dum desconhecido violador que busca as trevas para a realização dos seus intentos; trata-se dum rapazote da aldeia, bem conhecido da intrépida heroína que ganhara por êle profunda e sincera simpatia...

Um pedido impossível, uma cilada à honestidade daquela rapariga; — um «não» sêco, decisivo, sem apelação, da parte dela; e o ódio sucede ao amor e o idílio passa a tragédia. O namorado transforma-se em aventureiro ocasional e, já que a prêsa tenta escapar-se, êle procura aniquilá-la, disparando um tiro que podia ser fatal, se a mão trémula do criminoso não tivesse desviado involuntàriamente o projéctil do alvo escolhido.

A rapariga, ensangüentada, recolheu ao hospital e aí passa longas semanas no meio de cruciantes dores; ao mesmo tempo uma interminável romagem de raparigas da vila vem junto ao seu leito branco saüdar a mártir gloriosa e a partilhar com ela as alegrias da pureza conservada no seu primitivo candor, ainda mesmo debaixo da prova do fogo.

A jovem de Castegnato pertencia também à Juventude Católica; como também era glória da nossa juventude feminina a professora de Albizzate morta e pisada, há cêrca de um ano, a alta noite, nas ruas de Brianza, por se ter recusado a ceder às loucas pretenções dum desgraçado; como se ufanava do título de, «jovem católica» a rapariga assassinada em Gorla, perto de Milão, numa quinta solitária, durante uma nevada no inverno passado».

Até aqui «L'Osservatore Romano». Se dum lado é desolador vêr a corrução e licenciosidade de costumes em que apodrece a sociedade de hoje, também é grande motivo de esperança vêr como ainda hoje há heroínas que sabem pôr acima da própria vida física, a desabrochar como o sorriso duma rosa, o ditame da sua consciência e a glória que a morte não consegue apagar de guardar intemerato o maior tesouro que o Senhor lhes confiou: a virgindade e a pureza.

Casos de atentados contra a honestidade de almas moças não são só da Itália ou de outras partes do mundo; há-os também entre nós, e, infelizmente, num tal grau progressivo que nos deixa deveras alarmados. Parece até ser êsse um dos aspectos mais característicos dessa guerra mundial que o comunismo tem levantado contra tudo o que é de Deus e tem o sinete de virtude. Jovens donzelas, estai atentas. Também entre nós há feras humanas — e nem sempre inconscientes—que, servindo-se até do seu munus social, que tem sempre a clamar um título de justiça, espreitam ocasião própria para conduzir consigo ao inferno as almas para quem a vida é talvez uma aurora sorridente, porque ante-vêem o Sol de Infinita Justiça que as há-de guiar e conduzir à realização do supremo ideal da vida — a santidade.

É pois bem oportuna a lição que aí fica. Oxalá que tôdas as raparigas saibam enfrentar com a mesma coragem e constância os inimigos que porventura lhes possam surgir deante.

Em tais contingências deve-se pôr acima de tudo o amor de Deus, a própria honra e glória imarcessível de guardar intacto o maior tesouro e a maior fonte de energias da mocidade.

Às que se deixam arrastar pela triste e vaporosa ilusão dum prazer momentâneo, posto acima de interesses bem mais nobres, ou de dôces palavras que só têm um sentido verdadeiro: *corromper, enganando;* a essas, digo, cabe apenas uma herança: chorar irremediàvelmente por tôda a vida a perda da sua maior riqueza e penhor, quando não têm ainda de pagar no outro mundo o mau uso que fizeram daquilo que devia constituir o maior título de glória, mesmo aos olhos do mundo.

Para essas aqui ficam êstes exemplos de heroísmo sublime que as deveriam envergonhar vendo-se tão cobardes ou talvez tão levianas, deculpando-se com um «não pude» — verdadeira resposta de poltrões que provocará da parte do Coração Castíssimo de Jesus êsse outro «não», terrível e funesto pelas suas irremediáveis conseqüências: «*neseio vos*», *não vos conheço.*

Às donzelas que souberam ou souberem pôr acima de tôdas as contingências—até mesmo deante duma bala assassina — a estima da sua própria honra e honestidade, respondendo com um «não quero» impelável as diabólicas sugestões dum coração cego, aqui ficam ainda os mesmos exemplos de fortaleza para que se consolem e animem a prosseguir com alegria generosa no maior combate da vida — o da pureza — na certeza de que a consciência do dever cumprido gera mais paz e doçura no coração do que a satisfação de milhares de paixões do porte inferior do nosso ser.

Oxalá que tôdas as jovens, que lerem êstes edificantes episódios, lhes pusessem como remate e conclusão uma promessa solene e eterna feita aos Pés da Virgem, que apareceu em Fátima a recomendar mortificação e pureza, de serem antes mil vezes mártires do que flôres emurchecidas.

A Cruz é um navio; ninguém pode atravessar a salvo o mar dêste mundo, fora da barca de Cristo.

Se hei-de converter-me àmanhã, porque não há-de ser hoje?

Alguns favores

1.º — levar só um jornal para cada casa.

2.º — Mudar de direcção o menor número de vezes possível.

3.º — enviar sempre o número da assinatura quando for necessário fazer-se qualquer mudança nas direcções.

4.º — auxiliar as grandes despezas dêste jornal com as vossas generosas esmolas.

EXAME FINAL

Conta-se que um estudante de medicina, que durante o ano não pegara em livro, assediado com preguntas dos examinadores, via-se na eminência de apanhar uma raposa.

—Quantos meios há de excitar ou provocar o suor?—Depois de o estudante cábula indicar alguns, insiste o examinador: E se êsses meios não fossem eficazes para activar a transpiração? — que venha para aqui o doente fazer exame, que, decerto, há de suar.

* * *

Por êstes apêrtos de suores passam todos os estudantes preguiçosos quando não sabem dar conta de si e apenas podem esperar a linda nota de reprovado.

Mas quem poderia calcular o grande terror com que os maus tremerão quando chegar a hora do exame de tôda a sua vida no supremo tribunal de Deus? que poderá responder o malvado quando lhe fôr lançado em rôsto aquilo mesmo de que já a sua consciência o acusou tantas vezes?

Maldito! lhe dirá Nosso Senhor com terribilíssima indignação, que imperfeição encontraste tu na minha santa lei para a desprezar com tanta insensatez? Não sabias por ventura, que devias respeitar a Deus que te criou e tirou do nada? E blasfemavas dÊle arrastando seu santíssimo nome pela lama das ruas.

Ignorarias que os domingos e dias de guarda deviam ser santificados? E tu esperavas por êsses dias para te embriagares e entregares a tôda a casta de vícios!

Não é verdade que o teu próprio senso natural reprova a tua vida tam licenciosa?

E apesar disso, lá te deixavas ir sem te importares comigo nem... contigo mesmo.

Não é verdade que o teu próprio coração repudiava o furto e a cobiça dos bens alheios?

Foste a vergonha de teu pai, o verdugo de tua esposa e a perda de teus filhos.

Renegaste a minha religião, amaldiçoaste a minha Igreja, profanaste os meus Sacramentos, foste a ruína dos inocentes, o mau exemplo dos novos e o escândalo dos mais velhos.

Julgas talvez que vieste ao mundo para praticar o mal? E que tem sido a tua infame vida senão uma continuada cadeia de crimes e maldades?

Nasceste num país cristão e tens obrado sempre como um mouro infiel.

Dei-te pais, mestres e sacerdotes que te apontassem a estrada do bem e não os quiseste ouvir.

Muitas vezes bati à porta do teu coração mas fizeste-te surdo. Esperei ali o último momento da tua vida pela tua conversão e, obstinado e insensível, até os últimos Sacramentos desprezaste, preferindo morrer com um réprobo. Afasta-te, pois, de mim, maldito, que as tuas próprias obras te condenam.

No Santuário encontra-se já à venda a última novidade literária sôbre Fátima

Fátima à Luz da Autoridade Eclesiástica, *pelo Dr. Luís Fischer.*

Êste livro será enviado livre do porte do correio a quem o pedir mandando juntamente 5$00.

Também se encontra na Redacção da «Voz da Fátima», — Seminário de Leiria.